Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 21 | 2005
Livro e Iconografia

Notícias de mão

Scribal news

António Coimbra Martins

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3461>

DOI: 10.4000/cultura.3461

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2005

Paginação: 317-324

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

António Coimbra Martins, « Notícias de mão », *Cultura* [Online], vol. 21 | 2005, posto online no dia 25 junho 2018, consultado a 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3461> ; DOI : 10.4000/cultura.3461

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Notícias de mão

Scribal news

António Coimbra Martins

NOTA DO AUTOR

Texto de apresentação de Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora, Vol. 2 (1732-1734), Lisboa, Edições Colibri/ Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora/ Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2005, de João Luís Lisboa, Tiago C. P. dos Reis Miranda e Fernanda Olival.

Não faltam os Dicionários franceses do séc. XIX que definem as *nouvelles à la main* – chamemos-lhes as notícias de mão – como a forma da gazeta que precedeu a imprensa. O impecável Littré não comete o erro. Mas o seu monumental Dicionário, tão rico e convincente em abonações, não conforta com uma única a definição certa, que traz, da expressão que nos ocupa. A situação mudou completamente com a elaboração e conclusão de trabalhos como o de Françoise Weil em 1982, sobre o jornalismo do Antigo Regime, e sobretudo com os de François Moureau, em 1982 e 1983, sobre a comunicação manuscrita no séc. XVIII, publicado pela Fundação Voltaire, sob tutela da Universidade de Oxford. As notícias de mão na Europa coexistem com as gazetas impressas, com as relações especiais, com os jornais, durante longos anos dos séculos XVII e XVIII. Ora, nada do que é europeu deixou de repetir-se em Portugal.

Daí, e neste campo, muitas notícias de mão portuguesa, de que já há exemplo na década de 60 do séc. XVII. Daí, a colecção de Gazetas à beira da década de 30, e ao longo das décadas 40 e 50 do século XVIII, reunida em 14 volumes, e conservada na Biblioteca de Évora, que constitui, sem comparação possível, a mais longa sequência portuguesa nesta modalidade.

Faltava, quando este género de literatura desperta atenções europeias... faltava passar a colecção de Évora a letra de forma, em edição que a deixasse plenamente explorar, e comprovasse a difusão do género.

Entre os departamentos competentes da Universidade de Évora e da Universidade Nova assinou-se um protocolo em vista deste objectivo. Os doutores João Luís Lisboa, Reis Miranda e Fernanda Olival tiveram a coragem de meter mãos à obra. Saiu há dois anos o primeiro volume da colecção, que teve a sorte e a honra de ser lançado pelo professor Hespanha. Hoje cabe ao segundo a pouca sorte de ser apresentado por mim mesmo.

O primeiro abrangia cerca de 50 diários, desde Agosto de 1729 a Dezembro de 1731. O ano mais representado era este último – 1731. O segundo volume é mais longo: abrange 100 diários, e traz apenas seis cartas familiares do quarto conde da Ericeira, mestre de obra não declarado, ao conde de Unhão, seu primo, além de uma notícia genealógica dos descendentes do marquês de Alegrete, Secretário da Academia Real da História, e outra nota genealógica da Casa de Avintes. Os próprios Diários vão do primeiro de Janeiro de 1732 a 23 de Março de 1734. Proponham-se ao programa adequado da televisão: constituem a actualidade de há mais de dois séculos e meio. Vista de cima, evidentemente, por fidalgos, e sobretudo por aquele grande fidalgo que, desde os seus verdes anos, se empenhou no noticiário: comunicação nacional e internacional, epistolografia, relações específicas, detecção e inventário das melhores bibliotecas, intercâmbio académico e bibliográfico, novidades eruditas e literárias, estampas, colecções de estampas – o que correspondesse em estampa ao melhor gosto europeu.

De tudo um pouco nos nossos 14 volumes. Crónica do que acontece, mas não de quem reina. Não são diários de corte estas Gazetas de Évora, nem diários íntimos de quem as redige, ou dirige a redacção. Nem é D. João V que aparece principalmente nas linhas e entrelinhas: é o seu tempo. Não procuram, estas Gazetas à mão, como já se produzira no século XVIII, as "monstruosidades do tempo e da fortuna"; antes registam, em contribuição de cada dia, as novidades ou surpresas ou desastres da fortuna e do tempo. Como vai a vida...

Não são notícias – que bem se compreenderiam no caso de Lisboa – do movimento de navios, embora, página aqui, página ali, refiram que chegou a frota da Baía, a frota do Rio, a frota de Pernambuco, a frota da Índia..., e digam das riquezas que vêm dentro, muito ouro, pouco ouro...; a parte que compete ao Rei. A Lisboa deste tempo, sobre o Tejo, é bem ainda a capital do império. Uma vez o cônsul de França admira-se: esta, sim, é uma das naus mais ricas que têm chegado a salvamento. O filho do conde da Ericeira é que deixou perder as riquezas e espécies raras que trazia da Índia. O Diário omitirá.

De fora do império, da Europa, também vem muita coisa rica, mas a pagar bem paga. Os sinos de Mafra, por mais sonante exemplo. De França, muito luxo: vestidos – os de homem também se chamam vestidos – ornamentos de salão, jóias, pratas, espadins embutidos, doces ou receitas de doce (como se teriam conservado os doces no alto mar?). Os objectos de ornamentação contribuem para o atractivo das recepções... O Diário cala a chegada de livros, embora o Ericeira tivesse traduzido Boileau, tratasse Boileau de seu ilustre amigo, conhecesse já o *Ensaio sobre o poema épico*, de Voltaire, que entre nós faria correr muita tinta, pelo que escreve de Camões. Não. O Diário não é uma gazeta literária.

Social?... Social de certo modo. Quase popular às vezes. No Hospital de Todos os Santos organizam-se tómbolas, cujo proveito reverte para obras piedosas ou caritativas; mas estão a atrair ali cada vez menos gente. O que não quer dizer que aquela espécie de sorteio deixasse de interessar. Pelo contrário, em Setembro de 32 multiplica-se em outros pontos de Lisboa. Em São João da Praça, por exemplo, ainda não autorizadas as rifas, já o público não falta: cada uma custa um vintém, mas os prémios são modestos: caixas de prata e salvas, mas também púcaros, garfos, colheres...

Em geral o Diário paira muito mais alto. Dá nota dos casamentos luzidos, das festas, das ceias, das merendas, das serenatas... A espécie de sorvete, a que chamam neve, é um pitéu de preço. Aliás rareia, e às vezes vai buscar-se longe. Em Agosto de 34, em carta ao primo, o Ericeira deixa passar uma censura ao rei: "Aqui se extinguiu a neve, e El-Rei, com grande despesa, a mandou buscar só para si, vinte léguas dentro de Badajoz".

As serenatas são o fino do fino, mas sobretudo em vozes femininas. Não da rua para a janela, nem de namorado a pretendida, como no *D. João* de Mozart. O fino do fino é fora de portas, ao ar livre, sim, mas em recinto fechado. Por conjuntos orquestrais e vocais. Entram e gorgeiam senhoras, que os prelados não gostam de ver actuar em comédias. Em Fevereiro de 32, a marquesa de Fontes dá uma grande festa na sua quinta de Alcântara, para se fazer admirar em uma serenata nova, ela e as filhas que também cantam. Só Senhoras, foram 40. Às vezes estas serenatas dão lugar a concursos líricos. Vinham de Itália, foram cantadas por profissionais: as cantarinas. Fazia-se apreciar, queremos crer que numa espécie de "meio-mundo", certa Veneziana com crónica e garganta.

Já as comédias cabem em casas particulares. Relativamente numerosas e cujos títulos não constam dos repertórios de teatro em Portugal. Aliás, todas espanholas. Patente ao público, o chamariz dos presépios. Em Dezembro de 1733 são excepcionalmente concorridos, garante o Diário...

Os bailes, de que fala, todos de música cortesã, gozam de grande prestígio, e têm muitos amadores. Então se ensaiam novos passos, inculcados como criação de Versalhes. A Gazeta não discrimina quais. Assegura, em contrapartida, que a Casa das Músicas é muito frequentada. Pelo contrário, e deploravelmente, o Pátio das Comédias atrai pouca gente, e ameaça ruína. A vestimenta denota a opulência, e introduz o figurino da Europa. No baptismo da filha do conde de Vimioso, as damas primaram pela apresentação. O Diário garante: três das mais vistosas senhoras ostentavam as roupas justas da nova moda de Paris.

Destas Gazetas tirou Jacqueline Montfort, pioneira, os elementos do seu precioso estudo sobre a ópera joanina. A indexação dos volumes, que se vão publicando, facilitará o trabalho de quem lhe seguir a pista.

D. Francisco, o da Casa do Infantado, como também o príncipe D. António, filhos do rei precedente, preferem à música, aos bailes e às comédias, as artes venatórias. Os grandes fidalgos oferecem-lhes correntemente porcos bravos para serem lançados nas respectivas cercas, e mortos à compita. Mais original, o segundo Diário regista a organização de um combate singular entre um porco especialmente bruto, e um touro que não prometia menos. Arremeteu o porco, mas logo abandonou o combate.

D. António foi às perdizes na Tapada de Mafra, mas acertou sobretudo nos coelhos. Ele e os seus próximos mataram 360. Não seria pecado, ali, nas terras sagradas do novo mosteiro? Não, porque tanto os coelhos como as perdizes ficavam em casa santa para os frades comerem.

Lisboa fidalga... Lisboa galante, não?... como viria a chamar-lhe outro seu cronista que seria Fialho de Almeida? Um tanto. Com as suas aberrações... Um fidalgo de 63 anos casa com uma linda menina de 12. Triste vida a do sexagenário, supomos. Há destas galanterias... E também regista adultérios, crimes domésticos, crimes passionais... Farta do seu legítimo esposo, certa mulher de iniciativa tratou-lhe da saúde, e enterrou-o no subsolo do seu leito conjugal. Depois dava largas com o amante aos seus amores correspondidos. Um príncipe mouro rapta uma beleza lisboeta. Consentânea? Quem sabe?

Sabe-se que o príncipe fugiu com ela num navio francês. E vem a saber-se que, doutro navio, que comunicou com o do raptor, novo galante surgiu, que cortou a cabeça ao mouro sedutor. Ignora-se a quem foi parar a Lisboaeta.

Lisboa insegura. Lisboa violenta. A morte aparece aqui muito integrada no quotidiano. Morrer é uma banalidade que pode tornar-se sumptuosa. As cerimónias fúnebres, muito cuidadas, reúnem a fidalguia e inspiram os epicédios. E acontece que se parta subitamente, imprevistamente, de golpe mortal. Neste tempo de espada cinta, morre-se muito à faca.

Um ex-corista da Patriarcal aparece morto com oito facadas. A mulher de Alexandre de Sousa deu uma facada no seu cozinheiro, de que ele está morrendo. Às vezes o remorso sucede à faca. Diário de 17 de Novembro de 1733: um homem matou outro à facada, com premeditação; deu-lhe o remorso, e enforcou-se.

O redactor do Diário é prudente: "dizem que há mais de 40 culpados de agressão à facada" ... Prudente neste caso, aliás de interpretação incerta. Prudente por excepção...

De acordo com a regra: um amigo visita outro, que está de cama. Conversa amena. A certa altura, o visitante diz uma graça que pica o doente. Por graça também, o doente agarra numa faca, e pica o amigo. O primeiro engraçado morre logo da picada do segundo.

Acidente. Outras mortes são mais planeadas. Certo vendedor de fazendas dera em assassino de profissão. Ao medir a fazenda que vendia, accionava secretamente um alçapão, por onde se sumia o freguês, que era logo enforcado. Mecanismo complicado, o Diário não perde tempo a explicar minuciosamente... De resto, mata-se por dá cá aquela palha. *Ipsis verbis*, em Abril de 1732: "Um homem matou outro em Lisboa, porque lhe pediu meio tostão que lhe devia". Pedem-nos agora os impostos...

Morre-se muito, adoce-se muito. Na medicina prevalecem as sangrias. O cardeal da Mota sofre de reumatismo que se agrava. Infligem-lhe seis sangrias. Num doente em maus lençóis, pratica-se uma sangria jugular; o doente piora; procede-se a segunda sangria; o doente morre.

Também há curas. Mas acontece duvidar-se: procedem dos remédios como a água de Inglaterra, de sangria, ou de milagre? A certo doente, administrou-se a água de Inglaterra; desencadeia-se em consequência uma furiosa diarreia. O doente morre.

Agora veja-se o caso dum grande fidalgo. O Marquês de Valença agoniza. Já se preparam os funerais. O padre Luís Alves sabe da devoção do Marquês pela capa do padre José Anchieta. Na Igreja de São Roque impõe as mãos à capa. Depois cozinha um caldo. O moribundo ingurgita o caldo bento. Logo revive, esperto e saudável.

Lisboa devota; Lisboa das procissões; Lisboa dos autos de fé. Acontece que fiquem os de Évora a perder de vista. Diário de 30 de Setembro de 1732:

"O auto de fé de Évora teve só 16 pessoas e duas judias" – repare-se bem: *16 pessoas e duas judias* –, além de outros penitentes por casarem três vezes. Figurou nele uma feiticeira. A feiticeira confessou que adorava o Demónio, mas negou que o fizesse do coração... Era assim, só carnalmente... O Diabo é a carne.

Em Lisboa, uma semana antes, a lista do auto de fé compreendia uma tal Negrinha que desunia as famílias. Dela constava mesmo que tinha trato ilícito com o Demónio, de quem recebera um utilíssimo presente: uma fava mágica. Respondendo ao comando da Negrinha, na sua linguagem impenetrável, a feculenta vagem produzia as doenças que lhe encomendavam; e, em obediência a palavra diversa, curava dessa e doutras

imediatamente. O Demónio quisera casar a sua Negrinha dilecta com marido a gosto dele, mas a Negrinha preferira continuar fiel ao Mafarrico.

Nesta menção inevitável aos autos de fé, admitir-se-ia que o noticiário se demarca algumas vezes do objecto da notícia. Por exemplo, ao registar que o povo aprecia tais "funestos espectáculos". Funestos espectáculos, diz... Sucedia que, em penitência, devessem percorrer as ruas públicas pecadoras do sexo feminino, a quem se infligia o castigo dos açoites. Este género de acção pia assegurava um grande concurso de fiéis.

As procissões eram um dos encantos da cidade. Mas não deixavam de dar ocasião a distúrbios. Na véspera da do Corpo de Deus, à noite, saíam às ruas do cortejo umas máscaras, que atacavam quem lhes parecia melhor presa. Era costume. Aliás, fora destas ocasiões sagradas, acontecia que se formassem ranchos em Lisboa, que eram ligas de malfeitores. O segundo volume das Gazetas alude várias vezes ao do Chicelo.

Enfim, Lisboa ainda não tremeu. Regista este volume, a certa altura, que foi eleito académico do número Sebastião José de Carvalho e Melo. Mas não pega na deixa, nem havia de quê. De resto, estas Gazetas não são, nem por sombras, um diário académico. Nesse género, imprimiam-se folhetos numerados com resumo de sessões, panegíricos, inventários de biblioteca preciosos, elaborados aliás pelo conde da Ericeira.

Voltando ao publicado... Como nortear-se neste vasto oceano de informação? Os editores remediaram a desordem, a falta de classificação, fornecendo um labor, para cada volume das Gazetas, copiosíssimo e omnímodo. Para além do registo indispensável das fontes, para além da bibliografia completa, manuscrita e impressa, da inclusão dos recursos electrónicos, mediante uma indexação, a que nada falta – índice de personagens nomeadas, índice geográfico, índice temático – juntaram a cada volume a gazua, susceptível de abrir e facultar cada uma das infinitas figuras do puzzle. Como vem registado desde a notícia da capa, em final deste segundo volume, ele completa e ultra passa o registo de informações, já antes conhecido, mas identificado como Diário do conde da Ericeira. Do quarto conde. Pela largueza que a informação assume, Reis Miranda considera que o Conde desempenhou longamente, e diríamos: espontaneamente, por vocação particular, o papel de cronista informal do Reino.

Permitir-nos-íamos uma distinção: foi mais cronista do acontecido, que panegirista, qualidade que lhe teria implicitamente imposto o encargo oficial. Cronista do tempo, de cuja evolução teve a intuição, mesmo se não foi capaz de a enunciar; não cronista do Rei.

Ao Conde, teve-o sempre o Rei entre os seus grandes, mas julgamos que hesitou em fazê-lo maior, e, por sinal, não hesitou em fazer-lhe conhecer uma relativa desgraça passageira, nem em castigar-lhe o filho que fora (e voltaria a ser) Vice-Rei das Índias. Suavemente, é verdade, mas duravelmente...

Insistimos na indexação, como ela se apresenta. Das figuras, que permite reconstruir ou descobrir, distinguiremos três, terminando, a propósito da última, com o muito citado conde da Ericeira.

Primeira figura: o tristíssimo caso, cujas notícias sucessivas, na ordem do acontecido, dominam as páginas deste volume, ou seja o processo e condenação de Isaac Eliot, mestre cirurgião do Hospital de Todos os Santos, e talvez nomeadamente a cena da privação do hábito de Cristo, de que o penitente era titular, cena à qual é possível que o próprio D. João V tenha pretendido assistir, mas de maneira que ele mesmo não pudesse ser visto. O lamentável e macabro final deste processo ocorreu em Janeiro de 1733. Abrangido, portanto, no âmbito do volume.

Quanto aos outros dois casos escolhidos, as presentes notícias de mão não os resolvem. Dão pistas, estimulam curiosidades, autorizam suposições... Duas achegas, portanto, mas de respeito.

De Diário em Diário, o infante D. Manuel, irmão mais novo de D. João V, dá sinal de si. Como se sabe, D. Manuel Bartolomeu escapou-se do Reino sem licença do Rei. O volume segundo das Gazetas apanha-o sobretudo nas diligências que fez, ou encomendou, no sentido de vir a beneficiar da coroa electiva da Polónia. Não conseguiu. Demorou-se por outras capitais, fez simpatias e dívidas em França, regressou a Portugal.

Regresso, constante ainda deste segundo volume. D. João começou por ser magnânimo com ele: "Ontem – noticia o Ericeira ao primo, em Novembro de 34 – ontem nomeou El-Rei, para acompanharem o Infante – três gentishomens da Câmara com beneplácito seu". Depois tudo viria a degradar-se. D. João V fixou uma quinta de Belas como residência do irmão; a quinta de Belas começou por brilhar como uma segunda corte... Enfim, o rei adoeceu e acabou por deixar este irmão à míngua. A ponto que veio de França o padre Delaunay, que tinha sido leitor do Infante, a visitar o seu antigo senhor, a pedir audiência ao Rei, e a obter edição em Lisboa de uma epístola a D. João V, em verso alexandrino francês, na qual exproba ao ex-Magnânimo a desconfiança relativamente ao príncipe, e censura ao próprio Rei a inacção que o faz continuamente arrastar-se, alheio a tudo, e gemebundo, à *l'ombre des autels*. À sombra dos altares. Isto não vem no segundo volume das Gazetas, mas o que vem para lá aponta.

As pessoas sofriam muito, ao tempo, de cataratas. O próprio Ericeira terminaria a sua carreira terrestre, completamente cego, em 1743, último ano do terceiro período das Gazetas de Évora. E então para concluir: a sua presença neste volume é dupla: como uma espécie de chefe de equipa redactorial, e como protagonista de repetidos factos ocorridos, ou implicado neles. Francisco Xavier de Meneses começou muito cedo, em 1720, ano da fundação da Academia Real, a sua epistolografia internacional pela tentativa de um estabelecimento de intercâmbio regular com o padre Jean-Paul Bignon, que fora redactor do célebre *Journal des Savants*; em 1718 Bignon foi nomeado bibliotecário do Rei pelo Regente. O Ericeira não o perdeu mais de vista. Ou melhor de escrita. O doutor Reis Miranda tem razão, como já dissemos. Francisco Xavier de Meneses viria a desempenhar, sem o possuir, o cargo informal de cronista do Reino. A consulta da correspondência Ericeira, arquivada na Biblioteca Nacional de França, é de molde a deixar-nos crer que o Conde teria também aspirado a ver-se guindado à dignidade de Bibliotecário Real de D. João V. O Bignon português, senão o director de qualquer *Jornal dos Sábios* da nossa terra. Os seus inventários, estas Gazetas de Évora deixam-nos admitir que tais promoções lhe assentassem como luva. Mas, como ele escreve em carta constante do segundo volume das Gazetas, agora publicado: "estou acostumado a não conseguir o que mais desejo".

O que mais desejo, destas notícias de mão, Gazetas, cartas familiares da biblioteca de Évora, é que os empreendedores da publicação tenham em breve que designar o apresentador competente do 14º volume. Deixando o Ericeira, os seus desgostos, a sua ênfase, a colecção de Évora são as Minas-Gerais que, sem saber, nos fez legar D. João V: as últimas minas por descobrir. Não oferecem apenas ouro, mas têm muito ouro. As notícias de mão eram – e este caso o demonstra – as mais próximas de uma comunicação que não transmitia senão o registo do acontecido, ou do supostamente acontecido, através de uma subjectividade decerto, de um ponto de vista classista, mas puro de qualquer intenção diversa ou perversa, intrometida no intuito de comunicar.

Lisboa, 22 de Novembro de 2005

RESUMOS

Enquadradas no género das "nouvelles à la main" francesas, as gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora são um enorme repositório de informação para a história do tempo de D. João V. Nele se encontram notícias de toda a Europa, dos vários governos ultramarinos, do quotidiano das ruas da corte e, sobretudo, da "primeira nobreza" do Reino. Estas são, assim, as últimas minas de ouro para o conhecimento do "alvorecer do Iluminismo" em Portugal.

Fitting in the genre of the French "nouvelles à la main", the manuscript gazettes of the Évora Public Library are an enormous set of references to the history of the times of King John V. We may find there news from all around Europe, from the several overseas administrations, from the daily life of the Court streets and, above all, from the high aristocracy of the kingdom. These are, accordingly, the last gold mines to the knowledge of "the rise of Enlightenment" in Portugal.

ÍNDICE

Keywords: Gazetas, informação, séc. XVIII, D. João V, nobreza

AUTOR

ANTÓNIO COIMBRA MARTINS

Licenciado em Filologia Românica em Lisboa, leccionou nas Universidades de Montpellier, Aix-Marseille, Paris e Lisboa. Foi director do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. Foi embaixador de Portugal em Paris, Ministro da Cultura, deputado na Assembleia da República e deputado no Parlamento Europeu pelo Partido Socialista.